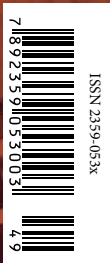


ANO 10 - NÚMERO 127 - MAIO 2025

apuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 mai a 14 jun/25



AS CRIANÇAS NO EXÍLIO E O MUNDO FLICTS

p. 08

CERRADO

O Cerrado como
biossistema geográfico

p. 20

QUESTÃO AGRÁRIA

Dorothy Stang:
vinte anos depois

p. 32

MITOS E LENDAS

As veias abertas da
Mãe Seringueira

p. 46



Acesse e saiba mais:



/fenaefederacao



@fenaefederacao



www.fenae.org.br



(61) 98142 8428



/company/fenae-federacao

A **Fenae** chega aos **54 anos** com histórico de lutas e conquistas em favor do pessoal da Caixa e a defesa do papel social do banco público. Nesse período, a Federação tem investido na promoção do bem-estar dos empregados e aposentados da empresa, incentivando práticas sociais, esportivas e culturais, e defendendo os seus direitos.

A entidade tem compromisso também com o país. Ao longo dos anos, lutou por um Brasil democrático e justo. A Fenae seguirá trilhando o mesmo caminho: a valorização dos trabalhadores e a justiça social.



FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Aponte a câmera
do seu celular para
o QR Code e conheça a Fenae.

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitinho.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



AS CRIANÇAS NO EXÍLIO E O MUNDO FLICTS

Nossa capa desta edição 127, mês de maio deste ano da graça de 2025, foge ao padrão habitual das capas de nossas edições anteriores. “As crianças no exílio e o mundo Flicts” conta a história da convivência do nosso conselheiro José Bessa Freire com três crianças nascidas durante o exílio de seus pais e mães durante o terror da ditadura militar (1964-1985).

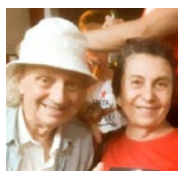
Conforme nos conta Bessa: “São relatos de quem conviveu no exílio com essas três crianças. As lembranças delas, como de tantas outras, estão sendo elaboradas com suas próprias impressões e auxílio de fotografias amareladas, de visitas aos lugares onde viveram e de histórias contadas pelos pais e amigos, documentos orais, escritos e visuais, que sempre necessitam passar pelo filtro da crítica e do cruzamento de dados.

Confesso que a leitura do livro *Crianças e Exílio*, recém-lançado, me deixou dilacerado com algumas noites de insônia. Registra histórias de terror, sofrimento, traumas de infância, sequestros de bebês, crianças e adolescentes filhos de opositores ao regime ditatorial, tratados como apátridas e mini-terroristas.

Mas o livro acena também para a resistência, as brincadeiras infantis, a solidariedade, a amizade entre exilados. A dose de humor de alguns relatos abre, aqui e ali, janelinhas de esperança da qual todos nós tanto precisamos. As crianças exiladas em muitos países hispanos americanos parecem ter seguido o conselho de Payo Gondrona e aos trancos e barrancos aprenderam “*a vivir en América, nuestra América*”.

O texto é divino, vale a leitura!

Bom proveito!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - ABRIL

Alberto Cantalice – Advogado. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Antônio Augusto de Queiroz** – Jornalista. **Arthur Wentz e Silva** – Estudante. **Bia de Lima** – Parlamentar (GO). **Caroline Nunes** – Jornalista. **Clarice Lispector** – Escritora (*in memoriam*). **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Elias Rosendo** – Seringueiro (*in memoriam*). **Emir Bocchino** – Designer. **Florbela Espanca** – Poeta (*in memoriam*). **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Stochit** – Designer. **Ismael Machado** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Escritor. **Kate Schatz** – Escritora. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Manuela Cardoso da Cunha** – Antropóloga. **Marcelo Zero** – Sociólogo. **Maria Letícia Marques** – Ambientalista. **Marquelino Santana** – Geógrafo. **Mauro Barbosa de Almeida** – Antropólogo. **Pedro Tierra** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

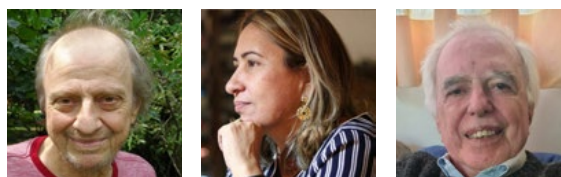
CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Traiano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.





Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

127

MAI 25

08 **CAPA**
As crianças no exílio
e o mundo Flicts

20 **CERRADO**
O Cerrado como biossistema
geográfico

15 **BIODIVERSIDADE**
Maio na floresta segundo o
calendário Ashaninka

22 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
"MENINO 23": infâncias
perdidas no Brasil

18 **MUNDO**
Leão XIV: o novo Papa
e suas missões

25 **COMPORTAMENTO**
Tecnologia do voo compartilhado

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **CHICO MENDES**
A vida do Chico Mendes em um cordel

28 **FOTOGEOGRAFIA**
Terreno e sagrado

29 **SAÚDE**
Remédios caseiros

32 **QUESTÃO AGRÁRIA**
Dorothy Stang: vinte anos depois

36 **MEIO AMBIENTE**
Moda a qualquer custo: setor explora
8 milhões de trabalhadores/as e
ameaça o clima

39 **MEMÓRIA**
Papa Francisco e a defesa dos pobres

40 **SUSTENTABILIDADE**
A Terra viva gera todos os
seres vivos e nós

44 **POLÍTICA**
Contra seu ventre, nascemos...

46 **MITOS E LENDAS**
As veias abertas da mãe seringueira

48 **UNIVERSO FEMININO**
As sem Pátria

AS CRIANÇAS NO EXÍLIO E O MUNDO FLICTS

— José Bessa Freire

Anda, preparándote a vivir, en América, tu América
(Canción de Payo Grondona. Valparaíso. 1969)



As lembranças evocadas com a leitura de “Crianças e Exílio: Memórias de infâncias marcadas pela ditadura militar” foram tão pungentes, que adiei a resenha desse livro com depoimentos de 46 pessoas.

Senti-me instigado a contar, antes, alguns lances da convivência pessoal com três delas: uma no Chile – Isabella Thiago de Mello – e duas no Peru – André Luiz e Maria José. Os dois últimos, que ainda não narraram suas histórias, estão ausentes do livro.

Em Santiago, presenciei a mãe de Isabella, Lourdinha, “com o vestido cada dia mais curto”. Quando deu à luz a filha, recebeu flores entregues pessoalmente por Allende, então presidente do Senado e sempre amigo do poeta Thiago de Mello.

Morei um par de meses com eles. Em suas eventuais saídas, eu ficava de *baby-sitter*, fazendo jus ao apelido de babá. Isabella, quietinha no berço. Eu, atento a algum terremoto, *por si acaso*. Entre algumas músicas de ninar que ouvíamos, lembro de “*Duerme, duerme, negrito*” na voz de Victor Jara em um LP lançado na época. A audição era compartilhada entre padrinho e afilhada, como até hoje nos tratamos.

No texto escrito para o livro, Isabella reconstruiu suas lembranças e, em mensagem a mim enviada, filosofou:

– A Memória é química, faz parte do corpo e da alma, para sempre. É uma ilusão achar que o tempo passa. O Tempo fica na gente, entranhado nos glóbulos vermelhos, aqueles pontinhos do cerebelo. O Tempo é totalmente relativo, se fosse um gráfico jamais seria uma linha reta. O Tempo é sólido, tem altura, largura e profundidade como a Cordilheira dos Andes.

FLICTS E ANDRÉ

Segui a Cordilheira. Despedi-me do Chile para ir ao Peru integran-



do o Teatro de Bonecos Dadá, dos titiriteiros Euclides e Adair. O casal foi condenado no Brasil a quatro anos de prisão, acusado de “ensinar marxismo-leninismo a crianças de três anos do Jardim da Infância Pequeno Príncipe”.

Policiais invadiram a casa, destruíram cenários, cortinas, bonecos, e destriparam Eva,

presente do “papa dos títeres” Sergey Obratzov, do Teatro Kukol de Moscou. Feita de espumas, Eva não consta na lista de desaparecidos políticos.

É aqui que surge André, nascido em 1968. Seus pais saíram clandestinamente para o Chile onde viveram nove meses e, em seguida, para o Peru, onde pas-

saram seis anos. Deixaram o filho com a avó em Curitiba.

Trazido a Lima aos dois anos de idade, viu três desconhecidos: a mãe, o pai e eu, ali no meio. Conheceu, enfim, sua família e seu lar: a garagem alugada de uma casa em Magdalena del Mar. Já familiarizado, ele despertava cedinho, antes de todos, cutucava meus olhos com seus dedinhos e murmurava:

– Zé Bessa, acorda, vamos pro parque.

Fomos algumas vezes ao zoológico do *Parque de las Leyendas*. Foi lá, à beira do lago, que contei para André a história de *Flicts*, cuja versão para o teatro de bonecos seria feita anos depois.

Eu folheava o livro de capa dura com as figuras do Ziraldo, mostrando a ele a cor *flicts* em sua inútil busca por um lugar no mundo. No final, percebi no rosto do André, de perto, algumas lágrimas furtivas e silenciosas, mesmo estando ele aliviado por saber que a lua, de perto, era *flicts*.

Nas encenações dominicais em Miraflores, André nos acompanhava. Sabia de cor as falas dos bonecos. Lá, na plateia, no meio de outras crianças, dava *spoiler*, se antecipava aos personagens e irradiava o que iria acontecer em seu portunhol, para assombro do público infantil, que se sentia diante de um herói.

NO JARDIM DA BURGUESIA

Certa vez, uma brasileira residente em Lima trouxe o filho de 5 anos para ver *“Os palhaços sem cabeça”*. O garoto se divertiu. A mãe, encantada, revelou que era amiga do embaixador do Brasil e nos convidou para apresentar o espetáculo no Centro Cultural Brasil-Peru (CCBP) para filhos de brasileiros residentes em Lima. Ela desconhecia nossa condição de exilados. Fingimos estar em uma turnê pela América Latina.

Embora a gente sempre mantivesse distância da Embaixada

e de suas ramificações, fomos ao CCBP. Pouco antes de lá chegar, em conversa reservada entre nós, manifestei preocupação:

– A porra desse Centro deve tá cheia de policial.

Na chegada, fomos apresentados ao cônsul, ao lado do adido militar, ele acariciou a cabeça do André, que falou em voz alta:

– A porra desse Centro deve tá cheia de policial.

Nunca mais nos convidaram. Nem aceitaríamos. No lançamento do livro *Teatro de Bonecos Dadá, memória e resistência*, em 2019, só de pirraça, tiwramos uma foto com bonecos fantasiados com a foice e o martelo.

Outra vez, após o espetáculo, desmontamos o palco, guardamos os bonecos na mala e, carregando as tralhas, saímos a pé para casa, com André a tiracolo, numa



caminhada de uma hora por um bairro residencial – um deserto naquele domingo.

“Eu quero fazer cocô” – ele insistia, se contorcendo. A mãe respondia: – “Espera chegar em casa”. Ao passarmos diante de uma mansão com porta fechada e muro baixo que dava para um jardim, suspendi André nos meus braços e o coloquei sobre o gramado:

– Faz cocô agora aqui no jardim da burguesia.

Fez. Durante algum tempo, grato, pedia a confirmação diante de amigos que nos visitavam:

– Zé Bessa, eu fiz cocô no jardim da burguesia, não foi.

CRECHE NUNCA MAIS

Depois, o Teatro Dadá se uniu ao grupo *Kusi-Kusi* para fundar o *Teatro y Escuela de Títeres*. Uma foto registra cada um com o seu boneco. Levei, então, meu exílio

para Paris. Adair contou que André chorava minha ausência em portunhol:

– *Mi papito se fué.*

Esta confusa noção de família era baseada na sua vivência. Conheceu Euclides e eu no mesmo momento, na mesma casa, compartilhando os mesmos cuidados e exercendo ambos autoridade inquestionável. Assim, acreditava que as crianças podiam ter dois pais: um biológico e outro de *criação*. E aqui entra a outra filha do exílio.

Filho de peixe, peixinho é? Depende do peixe. O consulado brasileiro em vários países recusou registrar crianças filhas de exilados. Maria José foi uma delas. Nascida em Lima em 1974, tinha direito à dupla nacionalidade por ter pai brasileiro e mãe peruana, mas o consulado ficou enrolando.

Foi registrada graças à diplomata Vera Pedrosa, filha de Mário Pedrosa, acionada por seu ex-marido Luciano Martins. Seu nome registrado homenageava Maria José Lourenço, amiga exilada e companheira de militância do pai. O primeiro berço da Zezé II foi presente da Zezé I: um moisés com capota de vime.

Crianças de pais exilados quase sempre crescem em situação de graus diversos de bilinguismo, com função diferenciada para cada língua que, em situação de contato, deixam marcas mútuas, mexem e remexem com as identidades. Falsos cognatos e outros tipos de ruídos causam conflitos na comunicação.

A primeira língua da neo-brasileira, do ponto de vista cronológico, foi o espanhol adquirido na convivência com o entorno: mãe, avó materna, primas e primos. Entendia o português falado e cantado em casa pelo pai e interagia com eventuais exilados brasileiros.

A escola, lugar de socialização, permite conversação na língua oficial do país acolhedor. Mas ela não teve escolaridade no Peru. O breve ensaio na creche do Ministério da Educação, local de



Foto: TaquiPicti

trabalho da mãe, foi um fracasso. Um coleguinha deu-lhe uma mordida: “creche, nunca mais”.

BUENAS NOCHES

Após Zezé completar dois anos, em dezembro de 1976, a família se mudou para o Brasil. Para o pai, era um retorno. Para a mãe e a filha, uma aventura em terra desconhecida. No aeroporto de Manaus foram recebidos por 82 pessoas: nove irmãs e dois irmãos, tios e tias, muitos sobrinhos, primos, cunhados e xerimbabos.

A família se hospedou na casa da vó Elisa, no bairro de Aparecida, onde moravam as duas irmãs mais novas solteiras e uma terceira divorciada com um casal de filhos pequenos. Passado o Natal, a mãe retornou ao Peru por um mês para arrumar as coisas: pedir demissão do trabalho, organizar os livros, entregar a casa. Quarenta e oito horas depois, a Polícia Federal prendeu o pai. De um dia para o outro, Zezé ficou sem pai nem mãe.

– A minha angústia – escreveu a mãe – é imaginar como a Zezé sobreviveu naquelas três semanas em um universo desconhecido, sem a principal referência, o pai, que a fazia dormir com canções de ninar. Ela ainda engatinhava na língua portuguesa.

A mãe agradeceu o esforço da família brasileira para se fazer entender:

– Soube que as tias se desdobra-ram para protegê-la na sua orfandade ocasional. Uma delas contou que, ao dar boa noite, a sobrinha respondia:

– *Buenas noches*. E com voz chorosa perguntava pelo pai.

– Foi comprar sorvete. *Helado* – explicava uma das tias.

Três semanas depois, liberado pela Polícia Federal, um cunhado aconselhou no caminho para casa:

– Compre um sorvete.

Comprei. Quando lhe entreguei o *helado*, ela me olhou, com uns olhos andinos tristes. Acariciou minha cabeça com um jeito protetor. Parecia uma velha. De repente,



Foto: TaQuiprofi

a ditadura inverteira os papéis, transformando-me no filho órfão de minha própria filha. Seu olhar, condensando o sofrimento vivido, e seu gesto maternal, me deram a certeza de que uma vida toda não seria suficiente para digerir aquele sorvete de graviola.

Mais adiante, o pai sofreu um acidente, quebrou um braço e um pé. Chegou em casa todo engessado:

– Foi a Polícia que fez isso? – ela perguntou, condóida. Começava a torcer pelos índios que nos filmes americanos lutavam contra os caubóis e lutavam contra o sistema.



Fotos: TiquiPrati

SUA BENÇÃO, MAMÃE

Maria José regressou várias vezes ao país onde nasceu para recolher seus passos. Sua tese de doutorado em antropologia foi fruto do trabalho de campo no Vale do Colca, Sul do Peru, a 3.800 metros de altitude.

Em setembro de 2023, acompanhou seu pai na Caravana Viva Chile, composta de 150 ex-exilados, que foram levar flores ao túmulo de Allende e agradecer o acolhimento dos chilenos. Visitou os lugares de memória de sua proto-história. Em um deles, foi filmada por Silvio Tandler em frente a Pensão da calle Michimalongo.

– Nesta casa, seu pai e eu dormimos na mesma cama. Posso ser sua mãe. Exijo, embora tardiamente, um exame de DNA – disse o sacana do Silvio.





Foto: TaQuiprati

Não foi preciso. Ao se despedir, a sacana da Zezé pediu:

– Sua bênção, mamãe!

Silvio a abençoou de uma forma que faria inveja à avó da abençoada.

P.S. – Esses são relatos de quem conviveu no exílio com essas três crianças. As lembranças delas, como de tantas outras, estão sendo elaboradas com suas próprias impressões e auxílio de fotografias amareladas, de visitas aos lugares onde viveram e de histórias contadas pelos pais e amigos, documentos orais, escritos e visuais, que sempre necessitam passar pelo filtro da crítica e do cruzamento de dados. Confesso que a leitura do livro *Crianças e Exílio*, recém-lançado, me deixou dilacerado com algumas noites de insônia. Registra histórias de terror, sofrimento, traumas de infância, sequestros de bebês, crianças e adolescentes filhos de opositores ao regime ditatorial, tratados como apátridas e mini-terroristas. Mas o livro acena também para a resistência, as brincadeiras infantis, a solidariedade, a amizade entre exilados. A dose de humor de alguns relatos abre, aqui e ali, janelinhas de esperança da qual todos nós tanto precisamos. As crianças exiladas em muitos países hispanos americanos parecem ter seguido o conselho de Payo Gondrona e aos trancos e barrancos aprenderam “*a vivir en América, nuestra América*”.



José Bessa Freire – Cronista. Professor Universitário. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Crônica publicada em seu blog *TaQuiPraTi*: <https://taquiprati.com.br/cronica/1769-as-criancas-no-exilio-e-o-mundo-flicts>



MAIO NA FLORESTA SEGUNDO O CALENDÁRIO ASHANINKA

Manuela Cardoso da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida

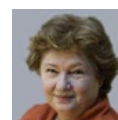
As flores do kotsime se abrem, marcando a entrada da estação seca. Patsikiri e Shintakiri, estrelas do verão, já podem ser vistas.

Os macacos, muito gordos e pesados nessa época, comem as flores do kotsime para emagrecer. A mutamba floresce em seguida, quando as flores do kotsime já caíram.

Dos bichos, o sapo-canoeiro é o primeiro a anunciar a chegada do verão e, em consequência, do

tempo de começar o trabalho do roçado. O pássaro dorminhoco e o owiuro (espécie de gavião) juntam-se formando grupos e passam quase o dia inteiro cantando, lembrando que chegou o verão.

É o tempo da flor do urucum-bravo, e o tatu está gordo. A partir de maio e durante toda a estação muitos bichos frequentam os barreiros para comer barro salgado.



Manuela Carneiro da Cunha – Antropóloga. Excerto do livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos da Populações*, Companhia das Letras, 2002.



Mauro Almeida – Antropólogo. Excerto do livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos da Populações*, Companhia das Letras, 2002.



Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/ Agência Brasil

FORTALECIMENTO DA BASE SOCIAL DO GOVERNO PASSA POR MOVIMENTO SINDICAL FORTALECIDO

Antônio Augusto de Queiroz

Sem um movimento sindical fortalecido, capaz de mobilizar a classe trabalhadora e articular a defesa das conquistas sociais, fica fragilizada a base eleitoral dos partidos progressistas

O terceiro mandato do presidente Lula se depara com um cenário profundamente adverso para os trabalhadores e o movimento sindical, fruto de anos de desmonte promovido por governos anteriores. A reforma traba-

lhistas de 2017, sob o governo Temer, e o avanço das políticas antissindicais no governo Bolsonaro deixaram um legado de precarização, retirada de direitos e estrangulamento financeiro das entidades sindicais.

Nesse contexto, o restabelecimento de uma relação de parceria entre o governo e o movimento sindical não é apenas uma questão de justiça social, mas uma necessidade estratégica para garantir a sustentação política de um projeto progressista.

Apesar das conquistas iniciais do governo Lula III, materializadas em políticas públicas de interesse dos assalariados, como o aumento real do salário-mínimo, a reforma do imposto de renda, a promoção da igualdade salarial entre homens e mulheres, o movimento sindical segue enfraquecido, sem condições materiais de exercer seu histórico papel de defensor dos direitos trabalhistas e de mobilização popular.

Segundo o IBGE, a taxa de sindicalização tem decrescido ano a ano: em 2023, foi de apenas 9,2%, ante 15,7% em 2015. A crise financeira das entidades sindicais, agravada pela suspensão de repasses como o do sistema Contag, ameaça paralisar uma das poucas estruturas ainda capazes de organizar a base social em defesa de políticas públicas inclusivas.

Se o governo não agir com urgência para restabelecer fontes de financiamento – como a regulamentação da contribuição negocial – e para valorizar a interlocução com os sindicatos de trabalhadores, revertendo tendências como a de pejetização,

perderá um aliado fundamental na disputa política contra as forças conservadoras.

O sindicalismo sempre foi um pilar essencial para a implementação de políticas de redistribuição de renda e valorização do trabalho, e um defensor da ordem democrática. No entanto, enquanto as entidades patronais contam com amplo acesso a recursos – inclusive por meio do sistema "S" –, os sindicatos laborais enfrentam uma asfixia financeira planejada, com propostas legislativas que buscam inviabilizar qualquer forma de sustentação autônoma.

Essa desigualdade de condições é uma distorção antidemocrática que precisa ser combatida com medidas concretas. O governo Lula não pode subestimar o risco de um retrocesso ainda maior em 2026. A extrema direita está organizada, bem financiada, com forte apoio financeiro no meio empresarial, e disposta a avançar sobre os direitos sociais e a própria democracia. Sem um movimento sindical fortalecido, capaz de mobilizar a classe trabalhadora e articular a defesa das conquistas sociais, fiwca fragilizada a base eleitoral dos partidos progressistas.

A sinalização de redução da jornada de trabalho, embora importante, será insuficiente se não vier acompanhada de um projeto de reestruturação sindical que garanta autonomia e capacidade de luta. O momento exige uma aliança firme entre o

governo e os movimentos sociais. A reconstrução do sindicalismo passa pela restauração de suas fontes de financiamento, pelo fortalecimento das negociações coletivas, pelo combate às tentativas de criminalização da luta sindical e reversão da precarização das relações de trabalho. Se o governo não agir agora, o preço a ser pago não será apenas a derrota eleitoral, mas o desmonte de décadas de avanços civilizatórios. A hora é de união e ação – o futuro do projeto democrático e popular depende disso.



Antônio Augusto de Queiroz – Jornalista, analista e consultor político, mestre em Políticas Públicas e Governo pela FGV. Matéria originalmente publicada na *Revista Teoria e Debate*: <https://teoriaedebate.org.br/colunas/fortalecimento-da-base-social-do-governo-passa-pelo-movimento-sindical/>





LEÃO XIV: O NOVO PAPA E SUAS MISSÕES

Marcelo Zero

Do ponto de vista geopolítico, a escolha do novo Papa parece adequada.

Em primeiro lugar, há de se considerar que os EUA, embora tenham maioria de protestantes, possuem a quarta maior população católica do mundo, ficando atrás apenas do Brasil, do México e das Filipinas. Além disso, os EUA são os maiores doadores para a Igreja Católica, sendo responsáveis por cerca de 30% do total de doações.

Embora 53% dos católicos dos EUA sejam brancos, há uma grande ligação da Igreja Católica estadunidense com o espinhoso tema da migração. Cerca de 29% dos católicos dos EUA são imigrantes e 14% são filhos de imigrantes.

Ainda assim, a Igreja Católica é bastante conservadora e, com ascensão de Trump, passou a concentrar uma oposição ao progressismo de Francisco. Embora o último Papa tenha sido popular nos EUA (tinha aprovação de 75%), sua aprovação vinha caindo e, nas últimas eleições presidenciais, 59% dos católicos dos EUA votaram em Trump.

Assim, o novo Papa parece ter sido eleito com uma tripla missão:

1. Dialogar com o governo Trump, especialmente com o vice-presidente Vance, que se converteu ao catolicismo.
2. Se reaproximar de setores mais conservadores da Igreja Católica.
3. Fazer um contraponto doutrinário e ideológico ao trumpismo, especialmente nos temas da imigração, no combate às desigualdades, no acolhimento à diversidade etc.

Serão missões difíceis, sem dúvida. Precisarão de todo apoio do Espírito Santo e da sua visão adquirida na América Latina (Peru).



Marcelo Zero - Sociólogo. Matéria publicada originalmente no *Brasil 247*: <https://www.brasil247.com/blog/o-novo-papa-e-suas-missoes>



O CERRADO COMO BIÓSSISTEMA GEOGRÁFICO

Altair Sales Barbosa

A região dos cerrados não pode ser entendida como uma unidade zoogeográfica particularizada, porque não apresenta essa característica, tampouco pode ser considerada uma unidade fitogeográfica, por não se tratar de uma área uniforme em termos de paisagem vegetal.

O mais correto é correlacionar os diversos fatores que compõem sua biocenose e defini-la como um Sistema Biogeográfico. Um sistema que abrange áreas planálticas, o Planalto Central Brasileiro, com altitude média de 650 metros, clima tropical subúmido de duas estações,

solos variados e um quadro florístico e faunístico extremamente diversificado e interdependente.

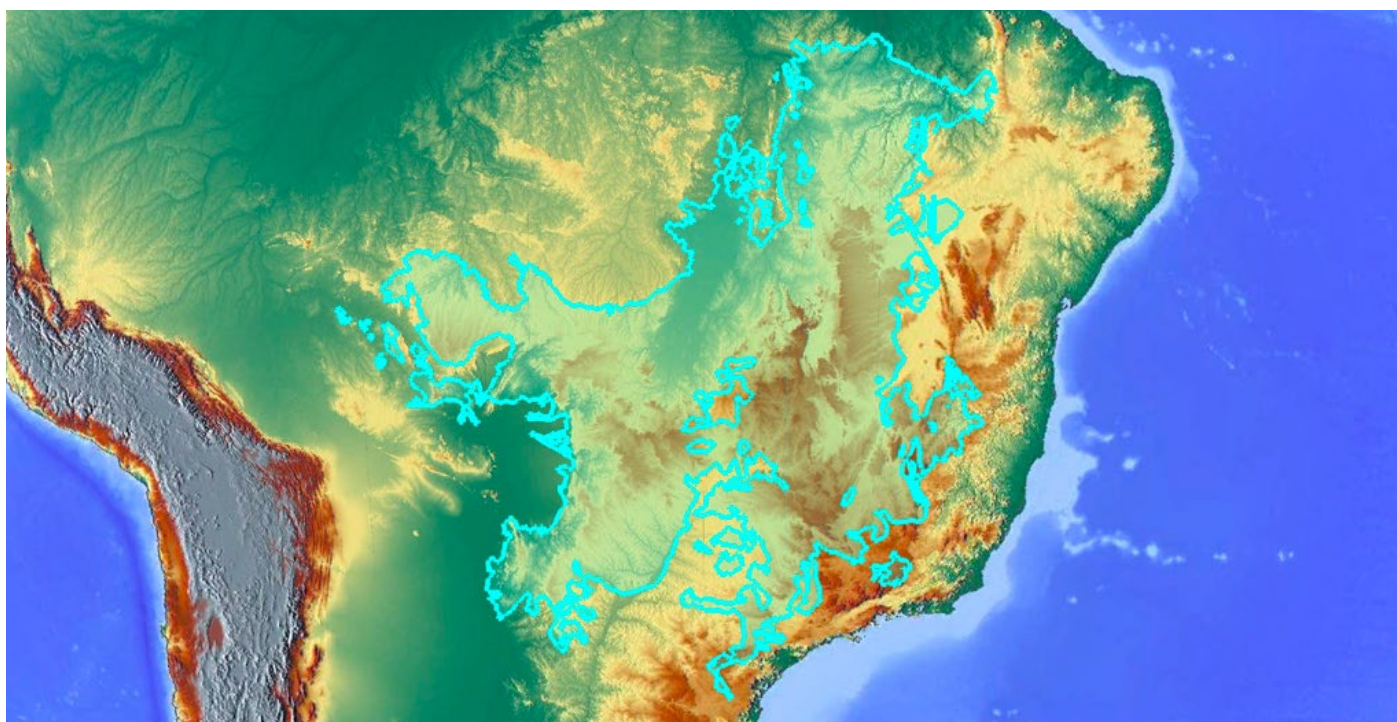
A fauna variada dos cerrados, que transita noutros domínios morfoclimáticos e fitogeográficos, por exemplo a Caatinga, tem sua maior concentração registrada nesse Sistema Biogeográfico, em virtude das possibilidades alimentares durante todo o ciclo anual.

Há um estrato gramíneo que sustenta uma fauna de herbívoros durante boa parte do ano, enquanto não está seco. A seguir, aparecem as flores que, durante uma determinada época, substituem como

alimento as gramíneas. O final das floradas coincide com o início da estação chuvosa, que faz rebrotar os pastos secos e a maturação de várias espécies frutíferas.

Acompanhando os herbívoros e atrás, também, de recursos vegetais, animais com outros hábitos formam uma complexa cadeia. Em termos vegetais, esse sistema é complexo e nunca pode ser entendido como uma unidade, pois há o predomínio do Cerrado *stricto sensu* como paisagem vegetal, mas há também seus variados matizes, como campo e cerradão, além de formações florestadas,





como matas e matas ciliares, e ainda são comuns as veredas e os ambientes alagadiços.

As áreas florestadas são constituídas pelas matas ciliares que ocorrem nas cabeceiras dos pequenos córregos e rios, em suas margens, e que também se espalham nas áreas mais extensas, acompanhando as manchas de solo de boa fertilidade natural. Por exemplo, as matas do rio Claro e outras vertentes do Paranaíba e o outrora chamado "Mato Grosso de Goiás".

As veredas e os ambientes alagadiços são mais abundantes, a partir do centro da área nuclear (sudoeste de Goiás), em direção Norte e Leste para o Sul e, à medida que se aproxima do Pantanal mato-grossense, as veredas tendem a desaparecer, ficando apenas os ambientes alagadiços com contornos diferenciados.

Nessa perspectiva, o Sistema Biogeográfico do Cerrado pode ser subdividido em subsistemas específicos, caracterizados pela fisionomia e composição vegetal e animal, além de outros fatores, que apresentam a seguinte organização: Subsistema dos Campos, Subsistema do Cerrado *Stricto Sensu*, Subsistema do Cerradão, Subsistema

tema das Matas, Subsistema das Matas Ciliares e Subsistema das Veredas e Ambientes Alagadiços.

Essa diversidade de ambiente é um fator muito importante para a diversificação faunística, permitindo a ocorrência de animais adaptados a ambientes secos e, também, a ambientes úmidos. Da mesma forma, propicia tanto a ocorrência de formas adaptadas a áreas ensolaradas e abertas, como favorece a ocorrência de formas ombrófilas. Esses fatores atribuem ao Sistema Biogeográfico um caráter singular, distinguindo-o pela diversidade de formas vegetais e animais.

Estudos de paleoecologia demonstram que os limites modernos do Sistema Biogeográfico do Cerrado não coincidem com os limites que deveria ostentar durante o Pleistoceno Superior e o Holoceno Inicial. Esses extrapolavam muito os limites da área core ou área nuclear que hoje ocupa os chapadões centrais do Brasil, prolongando-se na forma de "línguas" e enclaves por grande parte da Amazônia sul-americana, alcançando áreas localizadas até mesmo ao norte do rio Amazonas.

Os mesmos estudos demonstram que, a par das regressões que esse Sistema sofreu em direção

ao centro do Brasil, simultaneamente à expansão da floresta úmida, foi, apesar disso, o Sistema sul-americano menos afetado pelas oscilações climáticas do Pleistoceno Superior.

Da mesma forma, no que diz respeito às modificações na biomassa animal, foi um dos sistemas sul-americanos menos afetado. Vale dizer que a fauna que o caracteriza modernamente representa, quando comparada com outros domínios continentais, quase 50% da biomassa animal que o caracterizava durante o Pleistoceno Superior e fases iniciais do Holoceno.

Esse fato, apesar das proporções, é significativo quando comparado com a extinção animal que afetou outras regiões do continente durante o Pleistoceno Superior e fases do Holoceno que, em alguns casos, atinge a proporção de 98%.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis. Conselheiro da Revista *Xapuri*. Excerto de *Cerrado - a constelação do meio-dia*. Editora América Ltda, 2022.



Foto: Acervo Pessoal/Sidney Aguiar

MENINO 23: INFÂNCIAS PERDIDAS NO BRASIL

Caroline Nunes

Quem pensa que o nazismo alemão nunca chegou ao território brasileiro está muito enganado. O sistema instaurado dia 30 de janeiro de 1933, como resultado da nomeação de Adolf Hitler como chanceler, alcançou o Brasil e deixou marcas em pessoas negras que jamais imaginariam estar associadas a tal regime, como é o caso de Aloysio Silva, sobrevivente do nazismo, que ficou conhecido como Menino 23.

A descoberta foi feita pelo doutor em História da Educação, Sidney Aguiar Filho, que, em 1998, durante uma aula de história sobre o nazismo, foi surpreendido por uma estudante afirmando que na fazen-

da da família – pertencente à elite política e econômica participantes da cúpula da Ação Integralista Brasileira – havia o desenho da suástica nos tijolos da casa.

Aguiar investigou o caso e descobriu que, durante a década de 1930, nazistas brasileiros retiraram 50 meninos negros de um orfanato no Rio de Janeiro para serem escravizados em uma fazenda da família Rocha Miranda, no município de Campina do Monte Alegre (SP).

Sob o falso pretexto de que os jovens seriam levados para um local para estudar, brincar e aprender sobre a importância do trabalho, o sonho de um lugar que educa e permite o lazer dos jovens

não durou mais do que um ano. Depois disso, as crianças foram apenas escravizadas para prestar trabalhos à família nazista.

Na tese “Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil”, Sidney Aguiar destaca que na Fazenda Cruzeiro do Sul, à época de propriedade de Sérgio Rocha Miranda, não só os tijolos eram marcados com o símbolo nazista como também o gado que participava e vencia as principais exposições e competições nacionais.

“O símbolo nazista apareceu, também, nos documentos da fazenda, como talonário de pedigree animal. A



ESCRavidÃO

documentação pesquisada mostrou que era um fazendeiro assumidamente nazista”, diz o documento.

TRANSFERÊNCIA

Aguilar pondera que foi muito difícil encontrar pessoas dispostas a falar sobre esse período tão conturbado da história, em especial, garantir a participação do único sobrevivente Aloysio – ou Menino 23 – em sua pesquisa acadêmica,

“O silêncio foi definitivamente interrompido quando o senhor Aloysio Silva, justificadamente relutante, ficou sabendo que a pesquisa conseguira localizar seus documentos de infância onde constava o nome de sua mãe. O nome da mãe foi mantido por ele em sigilo de todos os amigos e familiares ao longo da vida pelo trauma de não poder provar sua identidade”, explica Sidney.

A partir de longa apuração, o historiador descobriu que houve uma transferência de 50 meninos, sendo 48 pretos ou pardos, de 9 a 12 anos de idade entre 1932 e 1941. Eles estavam sob a “disponibilidade” do Juizado de Menores da

Capital Federal e sob a guarda do Educandário Romão de Mattos Duarte, da Irmandade de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Os garotos, incluindo o Menino 23, foram então levados a Campina do Monte Alegre, sob a tutela legal de Osvaldo Rocha Miranda. Transferidos em viaturas policiais, sujeitos a pouca ou nenhuma educação escolar na fazenda de destino, eles foram colocados para trabalhar sem remuneração.

“Isolados do restante da comunidade, eles estiveram sob tutela real de capangas armados a chicote, palmatória, punhal, cães de guarda e armas de fogo. Impedidos da livre circulação, os garotos foram submetidos à agressão, ao abuso físico, ao constrangimento moral, ao cárcere e à fome como formas de castigo às resistências, desobediências e transgressões”, comenta o pesquisador.

Os nomes foram deixados de lado, segundo Sidney, sendo os meninos identificados apenas com um número, o que para o pesquisador destaca a desumanização daquelas crianças.

Aloysio Silva, o único dos localizados ainda vivo, pertencente ao grupo de crianças, ficou conhecido como o “Vinte e Três” e reside até hoje em Campina do Monte Alegre, no interior paulista. Afoito com o a entrevista feita por Sidney, o homem negro destaca algumas de suas memórias. Segundo ele, a família nazista avistou um grupo de garotos brincando, o que foi suficiente para que decidissem pegá-los como escravos.

“Essa família Rocha Miranda entrou e ficou observando, e nós estávamos brincando, jogando bola. Ai ele [patrão] chegou e mandou o tutor, que era o motorista dele, encostar nós num canto, então nos separou como separa boi na mangueira”, diz a vítima.

Levados para a fazenda, de acordo com Aloysio Silva, os empregados de Osvaldo Rocha Miranda haviam sido mandados para “tomar conta” de seu grupo. O Menino 23 relembra, em relato disponível na tese de Sidney Aguilar, que de início todos comiam



Foto: Relatório do Diretor da Delegacia de Ensino de Itapetininga referente ao ano de 1936



bem, mas com o passar do tempo a situação foi piorando.

Além disso, os relatos revelaram que houve a militarização da infância dos “Meninos do Romão Duarte” – como ficaram conhecidos – a partir do integralismo e do nazismo na região.

Os símbolos nazistas nos tijolos e no gado levou a indagações sobre a temática. Solicitado a dar mais detalhes sobre a presença de nazistas na região, o Menino 23 afirmou que, na época, “não sabia o que era nazismo”, dizendo que faz pouco tempo que ouviu falar. Porém, Aloysio salienta também que o símbolo da suástica, que atualmente sabe ser nazista, era comum na região.

“O Sr. Sérgio tinha esse gado, esse gado nelore, ele criava dentro da cocheira, fazia baile e tudo pro gado, porque era gado de exposição que ele levava para São Paulo e Rio de Janeiro. Era tudo... Toda criação dele... marcados assim”.

OS IMPACTOS DA SEGUNDA GUERRA

A militarização da infância se efetivou no cotidiano dos “Meninos do Romão Duarte” com ações que consistiam em acordar às cinco horas da manhã e tomar banho gelado numa piscina coletiva, mesmo no inverno, fazer fila para receber a enxada, trabalhar, não poder brincar sequer nas horas de descanso, vestir fardas em dias de festa, servir a pátria e ir à guerra.

Em 1943, os “Meninos do Romão Duarte”, eram na sua maioria adolescentes e jovens adultos: os mais velhos beiravam os 20 anos, os mais novos eram crianças de nove a quatorze anos. José Rodrigues, uma das vítimas, foi combater os nazistas na Itália. O menino que havia sido educado e explorado por nazistas e integralistas, sob a tutela do Estado, acabou recrutado e enviado para guerra de oposição ao nazifascismo, com auxílio de seu tutor integralista, pertencente à cúpula da AIB. Aloysio, o Menino 23, não foi convocado.



Considerado pelo pesquisador Sidney Aguilar como conceito chave para caracterizar e analisar as relações de poder, foi explicado a Aloysio Silva o conceito de escravidão, como o “impedimento a liberdade, trabalho não remunerado, coerção física e constrangimento moral”. Foi-lhe, então, perguntado se, em seu juízo, ele havia sido escravizado. Ele respondeu que havia sido “explorado bastante” e que “tinha castigo”.

COMO O RACISMO SE RELACIONA COM O NAZISMO?

Sidney Aguilar perguntou ao Menino 23 se ele achava que havia sido vítima de racismo por parte dos donos da fazenda. Aloysio Silva respondeu: “Eu acho que sim”, e reafirmou que “onde branco frequentava negro não entrava. Mas melhorou de lá pra cá, porque hoje eu sou chamado de homem e tratado com justiça”, disse o Menino 23.

Mas essa relação não é exclusiva no Brasil: o nazismo atingiu de forma implacável não somente os judeus como também uma parcela da pequena população negra alemã. Oriundos de países como

Camarões, Togo, Tanzânia, Ruanda e Namíbia, essas pessoas, durante o Terceiro Reich, foram proibidas de estudar com pessoas brancas e impedidas de trabalhar, além de serem submetidas à esterilização forçada e levadas a campos de concentração para morrer.

A história mostra que a comunidade negra alemã estava dispersa em todo o país em 1933, ligada, em muitos casos, a associações e organizações comunistas e antirracistas. No entanto, um local específico na Alemanha, chamado Renânia, deu origem a um termo pejorativo, utilizado principalmente para menosprezar afro-alemães: os bastardos da Renânia. O termo servia também para apontar as crianças filhas de soldados africanos e mulheres alemãs.



Caroline Nunes – Jornalista. Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil se tornou um documentário disponível no YouTube, que retrata toda a investigação do historiador Sidney Aguilar. Matéria publicada originalmente em <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/menino-23-historia-nazismo-afetou-meninos-negros-brasil/>



Tecnologia do voo Compartilhado

Eduardo Galeano

Tecnologia do voo compartilhado: o primeiro pato que levanta voo abre passagem para o segundo, que abre caminho para o terceiro, e a energia do terceiro ergue o quarto, que ajuda o quinto, e o impulso do quinto empurra o sexto, que empresta vento ao sétimo...

Quando o pato que está encabeçando a fileira se cansa, desce para o final da fila e deixa seu lugar para outro, que sobe ao vértice desse V que os patos desenharam no ar.

Todos vão em rodízio, na frente e atrás; e nenhum deles se acha superpato por voar adiante, nem subpato por vir depois.



Eduardo Galeano (1940-2015) - Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2012.

Foto: Reprodução





Foto: Comitê Chico Mendes

A VIDA DO CHICO MENDES EM UM CORDEL

Elias Rosendo

Em 2008, escrevi um cordel sobre a vida inteira do Chico Mendes, que vai desde o dia em que ele nasceu até o dia em que ele foi morto no escuro da noite, no quintal da casa dele, lá em Xapuri.

Conto de quando fundamos o STR de Brasiléia, eu sendo eleito presidente do primeiro sindicato de trabalhadores criado naquela região, e o Chico sendo eleito para ser meu secretário.

Lá, a primeira coisa que o Chico pediu para comprar foi uma máquina de bater letras, mesmo nenhum de nós dois sabendo usar. Comprei, mas logo desisti de aprender. O Chico, não.

O Chico insistiu com as teclas até aprender a escrever naquela máquina de datilografia. Depois, um tempo mais tarde, ele passou por lá, disse que era coisa de estimação e trouxe essa máquina pra Xapuri. Hoje, eu não sei onde ela está.

O Chico eu conheci desde pequeno, coitadinho. Com sete para oito anos, o menino já estava cortando seringa com o pai dele; com a mãe e os irmãos, depois que o pai morreu.

Ele querendo ir pra Xapuri estudar, e a mãe sem condição de deixar. Depois apareceu uma pessoa que ensinou ele a escrever, a fazer as contas e a pensar na política. Eu e ele no Sindicato de Brasiléia, junto com o Wilson Pinheiro, vimos



aparecer as primeiras ameaças, os primeiros despejos, as primeiras violências contra os trabalhadores.

Nessa época, eu fiquei sabendo dos maus tratos que um capitão do Exército, que era médico e tomava conta do Hospital de Brasília, estava fazendo contra os trabalhadores.

Revoltado, dei queixa do capitão na polícia e, como todos eram farinha do mesmo saco, em vez de mudar o tratamento do povo na doença, o capitão mandou me avisar que eu estava marcado, que ele ia me pegar e que a polícia faria esse favor a ele.

Eu, que não tinha o arrojo do Wilson Pinheiro, caí fora. Passava pelo Sindicato, mas era correndo. A maior parte do tempo eu andava era sumido, no mato. O pessoal falava que eu não aparecia porque era farrista, mas o que aconteceu comigo foi medo mesmo.

Wilson Pinheiro, que era um cara valente e corajoso, acabou assumindo como presidente do Sindicato no meu lugar. Achei justo, porque ele era um cara de acossar, e eu não dava para aquilo.

Ele andava depressa, eu ia mais devagar. Eu dizia pro Wilson Pinheiro: "Manera, amigo, anda com o passo mais lento. Do jeito que tu tá indo, os cabras vão te pegar". Ele continuava convocando assembleias, organizando empates, marcando posição no conflito.

O Wilson era uma pessoa muito boa, muito bacana. Comprou dois caminhões e andava pelos seringais com esses caminhões aviando as precisões dos companheiros. Antes do assassinato, os jagunços fizeram pressão e queimaram os caminhões dele.

O Chico ficou ameaçado e, para sobreviver, acabou se mudando pra Xapuri. Chegando em Xapuri, (nessa época ele já era um cara muito querido), acabou sendo eleito vereador pelo MDB. Mas ele não gostava do MDB.

Ele queria mesmo era seguir o Lula e fazer o Partido dos Trabalhadores. Em 1980, foi pra São Paulo e lá eles fundaram o PT. Depois disso, Chico voltou ao Acre para fazer o PT. Chico Mendes chegou dizendo que era



para todo mundo somar força no PT, e nós nos juntamos a ele. É por isso que me afeição tanto ao PT. Estou nesse partido e dele não saio mais.

Esse foi o partido que entrei ao lado de Chico Mendes e é nele que vou morrer. O PT nós começamos desde os anos 1980, mas a primeira eleição com candidato do PT só aconteceu em 82. Fui candidato a vice-governador na chapa do Nilson Mourão para Governador. O Chico Mendes saiu candidato a deputado estadual. A gente não teve quase nada de voto, porque não tínhamos dinheiro para campanha e o partido ainda era pequeno.

Chico morreu com esse ideal de defender a floresta. Ele era um cara que não tinha medo de fazer empate na mata, mas ele achava também

que tinha que sair do Acre para levar as nossas propostas. Ele juntou um monte de seringueiros e foi pra Brasília defender as Reservas Extrativistas, que só se realizaram depois da morte dele. Quando ele via uma motosserra, ficava doido de tristeza.

Ele falava: "Que pena que tenho dessa floresta. Que dó eu tenho do seringueiro que vai ser expulso, que não vai mais ter seringa pra cortar, nem castanha pra colher". Ele era muito humano. O amor que tinha pela floresta também era o amor que ele tinha pelo seringueiro.



Elias Rosendo – Seringueiro e poeta da Floresta (1925-2018). Companheiro de luta de Chico Mendes, cofundador e primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília.

TERRENO E SAGRADO

Antenor Pinheiro, especial da cúpula da *Basílica de São Pedro*, Vaticano



Foto: Antenor Pinheiro (abril/2009)

Lá do alto, onde *Roma* toca o céu, tudo parece repousar sob um silêncio sagrado. O vento sopra com leveza, como se também respeitasse o tempo suspenso que existe sobre a cúpula da *Basílica de São Pedro*. E é dali, de onde o olhar alcança o infinito, que a cidade se revela com outra alma.

Logo abaixo, estende-se a *Praça de São Pedro*, como dois braços abertos em acolhimento eterno. É mais que uma praça – é um abraço de pedra e fé. Os colonatos de Bernini curvam-se com leveza, criando um movimento que parece quase respirar. Gente do mundo inteiro cruza o centro desse espaço sagrado, sem pressa e com fé, como

se os próprios passos soubessem que ali se pisa sobre séculos de oração, arte e esperança.

Do alto, tudo se ordena com uma beleza exuberante: a geometria da praça, vista em sua totalidade, alinha-se com a longa *Via della Conciliazione*, que avança como uma ponte de pedra até o horizonte. E além dela, como uma sentinela à beira do rio, ergue-se o *Castelo de Santo Ângelo*, redondo, austero, misteriosamente poético. Entre ele e a praça, a *Ponte Sant'Angelo* atravessa o *Rio Tevere*, que brilha sob intensa luz – fita líquida que liga passado e presente.

Deste ponto elevado, tudo conversa entre si: a cúpula e a praça, o rio

e o castelo. O sagrado se encontra com o secular, o império com a fé, e a cidade parece respirar num compasso que é só seu – ora eterno, ora profundamente humano. É ali, de cima, que se entende o papel da praça: ela é o centro do olhar, o ponto onde o mundo parece convergir. Quem está nela olha para cima.

Quem está na cúpula, olha para baixo. E nesse gesto duplo, forma-se um diálogo silencioso entre terra e céu. *Roma*, vista daqui, não é apenas bela. É revelação.



Antenor Pinheiro –
Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.



REMÉDIOS CASEIROS

Clarice Lispector

Um dia desses aprendi um bocadinho de coisas estranhas sobre duas coisas muito corriqueiras sobre alho e cebola... Não digo que lhe conto para que você tenha bom assunto de conversa, na próxima reunião, porque há muita gente que tem alergia a uma ou a outra palavra.

Vendo a conversa pelo preço que comprei. Fiquei sem saber se acreditasse ou não, e você provavelmente ficará assim, também. Por exemplo: disseram-me que a cebola, esfregada sobre a calva, faz nascer cabelos...Pelo menos, mal não faz, suponho.

Outra: que a rainha Isabel da Inglaterra comia, como refeição matinal, um pedaço de carne, cerveja e muitas cebolas e daí vinha o seu extraordinário vigor.

E alho para asma... No século XVIII um médico fez fortuna com uma fórmula de sua descoberta. Cozinhava um pouco de alho até que este perdesse a rigidez: juntava à água do cozimento uma quantidade igual de vinha

E para dar ao composto um sabor de xarope, punha açúcar à vontade. Então jogava nesse xarope os dentes de alho cozidos. No dia que o doente tomava dessa mistura, não tinha asma.

Verdade? Mentira? Contaram-me como verdade.



Clarice Lispector (In memoriam) – Escritora, em *Correio Feminino*. Organização Maria Aparecida Nunes. Editora Rocco, 1977.



Foto: Arquivo Nacional

ARQUIVO NACIONAL



Foto: Ricardo Stuckert / PR

CUT E DEMAIS CENTRAIS SINDICAIS ENTREGAM AO PRESIDENTE LULA PAUTA DA CLASSE TRABALHADORA

No dia 29 de abril, a CUT e demais centrais sindicais entregaram ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva a pauta de reivindicações da classe trabalhadora.

Entre outras demandas urgentes, quatro se destacam: a redução da jornada de trabalho sem redução salarial; o fim da escala 6 x 1; a isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil; e a taxação dos super ricos. O documento, com 26 reivindicações e posicionamentos, também foi entregue aos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

Além dos presidentes das centrais sindicais, estiveram presentes o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, a ministra-chefe da

Secretaria de Relações Institucionais da presidência da República, Gleisi Hoffman, o ministro-chefe da secretaria Geral da Presidência da República, Marcio Macêdo, e o ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho.

A entrega do documento foi parte da agenda de mobilização em Brasília nesta terça-feira. Milhares de trabalhadores e trabalhadoras de todo o país, organizados pela CUT, centrais e entidades filiadas (confederações, federações e sindicatos) participaram nas primeiras horas do dia da Plenária da Classe Trabalhadora e, logo após, da caminhada na Esplanada dos Ministérios.

Bancárias e bancários de todas as bases sindicais da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) participaram da Marcha pela

Esplanada dos Ministérios, que começou com uma concentração às 8h no estacionamento do Teatro Nacional, seguida de uma plenária nacional com todos os trabalhadores presentes.

MARCHA DEIXA SENTIMENTO DE GARRA PARA ENFRENTAR O FUTURO

Durante a marcha, dirigentes sindicais discursaram ao público sobre a necessidade de a classe trabalhadora estar sempre alerta e preparada para enfrentar os constantes ataques da extrema direita à democracia e, claro, aos direitos sociais e trabalhistas.

"Estamos na Marcha da Classe Trabalhadora 2025, trazendo ao Congresso Nacional e ao governo Lula



a pauta da classe trabalhadora debatida em âmbito nacional, que tem por objetivo melhorar a qualidade de vida e a remuneração de todas e todos os trabalhadores rumo à construção de uma país digno e sem desigualdades”, afirmou Rodrigo Britto, presidente da Fetec-CUT/CN, durante a Marcha.

O presidente nacional da CUT, Sergio Nobre, além de defender o teor da pauta, lembrou que os direitos dos trabalhadores passam pelas próximas eleições e que, por isso, a manifestação de hoje foi decisiva para enterrar a direita em 2026. “Precisamos reeleger o nosso presidente Lula, que é o grande pai da classe trabalhadora no Brasil, aquele que nos ensinou o caminho da luta para chegarmos até aqui”, afirmou Sergio Nobre.

A necessidade do reconhecimento de que o presidente Lula teve e tem um papel importante na defesa dos trabalhadores também foi enfatizada pelo secretário de Administração e Finanças da CUT, Ariovaldo de Camargo, ao ressaltar que é preciso que a pauta da classe trabalhadora seja contemplada pelas decisões governamentais.

“Estamos vivendo um momento de muitas transformações, e a Central Única dos Trabalhadores fazendo chegar ao presidente Lula a voz do povo, nossa pauta será entendida e, assim, o conjunto dos

trabalhadores terá orgulho de ter um operário na Presidência da República”, disse Camargo.

Para o secretário Geral da CUT Nacional, Renato Zulato, a marcha cumpriu com as expectativas, e a presença dos trabalhadores e representantes dos seus sindicatos demonstrou unidade na defesa de direitos e da democracia. “Temos que ficar mobilizados! Mas voltem aos seus estados com a cabeça erguida, porque vocês estão aqui na rua, mais uma vez, e estão na luta pelo nosso direito à democracia que havia sido tirado de nós no governo passado”, disse Zulato.

A defesa da pauta dos trabalhadores passa também pelo plebiscito popular, lembrou o secretário de Mobilização e Relação com os Movimentos Sociais da CUT, Milton dos Santos Rezende, o Miltinho. O plebiscito levará à população brasileira três importantes temas, para que ela responda sim ou não: a redução de jornada de trabalho sem a redução de salário, o fim da escala 6x1 e a justiça tributária, com a isenção de imposto de renda para quem ganha até 5 mil reais e aumento da cobrança para quem ganha acima de 50 mil.

“Há uma identidade política nesse movimento, estamos aqui juntos, fortes, vamos construir esse processo, a nossa ideia de fazer um plebiscito nacional onde milhões

de pessoas participem, não só os trabalhadores, não só os sindicalistas, mas o conjunto da cidade e do campo. A largada é agora, nesse dia 29, nessa marcha que as centrais e os movimentos sociais estão construindo”, disse Miltinho.

A presença feminina na luta pela redução da jornada sem redução salarial e o fim da escala 6 X 1 foi elogiada pela secretária da Mulher Trabalhadora da CUT Nacional, Amanda Corcino.

“As longas jornadas são cruéis em especial às mulheres trabalhadoras, porque nós temos uma jornada de trabalho muito maior, mais exaustiva, nós temos a jornada do trabalho remunerado, mas também temos a jornada que é das atividades de cuidar, das atividades domésticas, então para nós mulheres vai ser um ganho muito grande, que a gente consiga reduzir essa jornada, para que possamos ter mais tempo para nos dedicar aos nossos cuidados, à nossa militância e pra gente trazer mais mulheres para a política”, disse Amanda.

Fonte: CUT Brasil, com informações da Fetec-CUT/CN



Foto: Ricardo Stuckert / PR

DOROTHY STANG: VINTE ANOS DEPOIS

Ismael Machado

O município de Anapu, no Pará, permanece como um dos epicentros de conflitos agrários e ambientais da Amazônia, vinte anos após o brutal assassinato da missionária Dorothy Stang, ocorrido em 12 de fevereiro de 2005. Seu legado de luta pela reforma agrária e pelo desenvolvimento sustentável continua vivo, mas enfrenta retrocessos significativos diante do avanço da grilagem, do desmatamento e da violência no campo.

Anapu está inserido em uma das regiões mais conflituosas do Brasil em relação à posse da terra. A criação de assentamentos e Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS), como os que Dorothy ajudou a implantar, gerou forte reação de madeireiros, grileiros e grandes fazendeiros, que veem essas iniciativas como um entrave à exploração predatória da Amazônia.

O município está situado na região sudoeste do Pará, uma área conhecida por sua biodiversidade e, ao mesmo tempo, por ser palco de intensos conflitos agrários. A construção da rodovia Transamazônica na década de 1970 abriu a região para a ocupação desordenada, atraindo migrantes, grileiros, madeireiros e grandes proprietários de terras. A falta de planejamento e de políticas públicas eficazes resultou em um cenário de caos fundiário, onde a grilagem de terras públicas e o desmatamento ilegal se tornaram práticas comuns.

Os dados sobre a violência agrária no município são alarmantes. Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), desde a morte de Dorothy Stang, dezenas de trabalhadores rurais e lideranças comunitárias foram assassinados na região. Líderes camponeses continuam sob ameaça, vivendo sob constante medo de represálias por defenderem o direito à terra e à floresta.

De acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 2018 o



Foto: Carlos Silva/Imapress

município de Anapu registrou três assassinatos relacionados a conflitos agrários. No mesmo período, o estado do Pará contabilizou um total de 16 mortes em decorrência de disputas fundiárias. Uma das vítimas foi Márcio Rodrigues dos Reis, liderança em Anapu, assassinado em dezembro de 2019.

Segundo a CPT, dos estados em que mais se registraram conflitos por terra em 2023 destacam-se a Bahia (202 ocorrências), seguida do Pará (183), Maranhão (171), Rondônia (162) e Goiás (140). Do recorte por região, a que apresenta maiores números de conflitos por terra é a região Norte (700 ocorrências), que acumula 40,6% do total, seguida da Nordeste (530). A Comissão Pastoral da Terra (CPT) ainda não publicou o relatório completo "Conflitos no Campo Brasil 2024". São dados que sugerem o quanto o Pará, apesar de intensa propaganda do governo estadual, ainda se mantém como

um celeiro de conflitos violentos na luta pela posse da terra (e da água).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) tem sido pressionado a dar continuidade à regularização fundiária e à criação de novos assentamentos, mas enfrenta desafios burocráticos e políticos. Em 2022, a Justiça Federal determinou que o instituto criasse assentamentos em áreas conflituosas na gleba Bacajá, o que poderia beneficiar centenas de famílias. No entanto, a falta de infraestrutura e a demora na execução tornam os trabalhadores rurais ainda mais vulneráveis à violência dos invasores.

Entretanto, projetos que buscam sustentabilidade enfrentam resistências e dificuldades estruturais. Os produtores familiares lidam com dificuldades no acesso a crédito, falta de assistência técnica contínua e pressão de setores ligados ao agronegócio, que dificultam a adoção de modelos mais sustentáveis.



Fotos: Alberto Cesar Araújo/Greenpeace

O próprio conceito de PDS, promovido por Dorothy Stang como alternativa à monocultura e ao desmatamento, perdeu força nas últimas décadas. A implementação desses projetos esbarra na dificuldade de garantir segurança jurídica para os assentados e na falta de apoio governamental consistente. Além disso, muitos assentamentos sofrem invasões por grileiros que desmatam e vendem terras ilegalmente.

RETROCESSOS E PRESSÃO SOBRE A FLORESTA

O desmatamento e a grilagem continuam sendo as maiores ameaças ao futuro de Anapu. Durante os anos de desmonte das políticas ambientais no Brasil, especialmente entre 2019 e 2022, com o governo de Jair Bolsonaro, a floresta sofreu ataques intensos, com a retirada de fiscalização ambiental e a redução de recursos para órgãos como o Ibama e o ICMBio. O avanço do desmatamento ilegal e das queimadas na região reflete diretamente o enfraquecimento dessas políticas.

Um exemplo preocupante é a situação da Terra Indígena Apyterewa, uma das mais desmatadas do país nos últimos anos. A pressão de invasores e a exploração ilegal de recursos naturais têm levado a conflitos constantes entre indígenas e madeireiros.

No entanto, medidas recentes do Governo Federal conseguiram reduzir o desmatamento na TI Apyterewa, onde vive o povo Parakanã, em 97% no primeiro semestre de 2024, um

avanço significativo que demonstra a eficácia das ações de fiscalização quando implementadas de forma rigorosa. A Vila Renascer, principal núcleo de invasores, foi totalmente desocupada em dezembro de 2023, contribuindo para essa diminuição.

Ainda assim, a exploração predatória da terra continua sendo um problema. Em Anapu, grileiros vendem ilegalmente terras públicas destinadas a projetos de reforma agrária e áreas protegidas, incentivando a destruição da floresta. A conivência de setores políticos e econômicos com essa prática faz com que a impunidade prevaleça, mesmo diante de evidências e denúncias frequentes.

A grilagem é um dos principais problemas fundiários em Anapu. Ela envolve a falsificação de documentos para se apropriar de terras públicas, muitas vezes com o objetivo de explorar recursos naturais ou revender as terras. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), grande parte das terras em

Anapu são públicas e deveriam ser destinadas à reforma agrária ou à conservação ambiental. No entanto, estima-se que mais de 60% dessas áreas estejam sob controle de grileiros.

Essas terras griladas sobrepõem-se a Unidades de Conservação. A Floresta Nacional (Flona) de Altamira, que faz parte do município de Anapu, sofre pressão constante de grileiros. Relatórios do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) mostram que áreas protegidas são invadidas para extração ilegal de madeira e expansão de pastagens.

A grilagem é frequentemente acompanhada de violência. Líderes comunitários e ambientalistas que denunciam essas práticas são ameaçados e, em alguns casos, assassinados. O assassinato de Dorothy Stang em 2005 pode ter sido um exemplo emblemático, mas outros casos continuam a ocorrer.

O desmatamento é uma das consequências diretas da grilagem e da



expansão agropecuária. As áreas mais afetadas são aquelas próximas à rodovia Transamazônica e às margens de rios, onde a exploração madeireira e a conversão de florestas em pastagens são mais intensas. E esse desmatamento em Anapu está diretamente ligado à expansão da pecuária e da agricultura em larga escala, especialmente a soja.

É preciso repetir: “a conversão de áreas de floresta para o cultivo de soja é um dos principais vetores de desmatamento na região”. Grandes fazendeiros e empresas usam terras griladas para expandir suas atividades, muitas vezes com a conivência de autoridades locais. Esse é um problema quase endêmico na região.

O LEGADO DE DOROTHY STANG: ENTRE A RESISTÊNCIA E OS DESAFIOS ATUAIS

Dorothy Stang acreditava na possibilidade de um modelo de ocupação da Amazônia que equilibrasse produção e preservação ambiental. Seu assassinato, encomendado por fazendeiros da região, foi um alerta global sobre os perigos enfrentados por defensores da floresta. Contudo, vinte anos depois, os desafios permanecem os mesmos e, em muitos aspectos, até se intensificaram.

O legado de Dorothy se reflete na resistência dos trabalhadores rurais que continuam lutando por seus direitos à terra e na persistência de projetos sustentáveis que tentam criar alternativas ao desmatamento. No entanto, essa resistência ocorre em um cenário de forte retrocesso nas políticas agrárias e ambientais, tornando o futuro de Anapu incerto.

A luta pela Amazônia e pelos direitos dos trabalhadores do campo continua a ser travada em Anapu, mas sem uma mudança estrutural nas políticas públicas, o equilíbrio entre desenvolvimento e preservação ambiental permanecerá como um desafio distante. O município segue como um símbolo da disputa pela terra no Brasil – um território de resistência, mas também de violência e impunidade.



Foto: Alberto Cesar Araújo/ Greenpeace

Duas décadas após a morte de Dorothy Stang, Anapu ainda enfrenta uma dura realidade: a violência no campo persiste, os projetos sustentáveis avançam lentamente e o desmatamento continua a ameaçar a floresta. Enquanto houver impunidade e conivência com crimes ambientais, a região permanecerá vulnerável às mesmas forças que mataram Dorothy em 2005.

“Passados 20 anos do assassinato de Dorothy, o contexto de violência no campo em Anapu permanece ceifando vidas, já que 20 trabalhadores foram assassinados em contexto de luta pela terra, houve dois ataques com fogo à escola do assentamento, cresceram o desmatamento e as ameaças que vêm aterrorizando famílias e marcando Anapu com o signo da violência.

Do ponto de vista institucional, os órgãos públicos que deveriam regular a posse da terra, garantir assistência técnica e proteger os agricultores e agricultoras, são pouco efetivos e até mesmo ausentes, deixando os trabalhadores e trabalhadoras à própria sorte”, afirma Alcidema Coelho, do Comitê Dorothy Stang (PA).

Segundo ela, a luta de Dorothy permanece atual, “sobretudo frente à crise climática que se apresenta como um grande desafio, demonstrando que o modelo de produção capitalista é incapaz de avançar sem destruir o planeta e a vida humana. Nesse contexto, sem dúvida alguma, as mulheres têm assumido grande protagonismo na luta socioambiental e em defesa da Amazônia, com destaque para as mulheres indígenas e quilombolas”, ressalta.

O geógrafo e pesquisador da Universidade Federal do Pará, Bruno Malheiro, afirma que a primeira questão a se pensar é que as forças reacionárias que mataram Dorothy, principalmente depois do bolsonarismo, mais especificamente no Pará, ganharam musculatura e adesão. São grupos que estão mais fortes, saindo das sombras e ganhando representatividade política. “Hoje o questionamento da própria existência dos PDS ganha impulso e isso é uma das maiores ameaças por essas forças, que inclusive conseguem cooptar sujeitos locais”, afirma.

Anapu é um microcosmo dos desafios enfrentados pela Amazônia: grilagem, desmatamento, violência e desigualdade social. Vinte anos após o assassinato de Dorothy Stang, a região continua a lutar por justiça e sustentabilidade. Embora haja avanços, como o PDS Esperança e a atuação de organizações da sociedade civil, os retrocessos e ameaças persistem.

O legado de Dorothy Stang nos lembra que a proteção da floresta e dos direitos das comunidades locais é uma luta contínua, que exige compromisso, coragem e ação coletiva. A esperança é que, com políticas públicas eficazes e participação social, Anapu possa se tornar um exemplo de desenvolvimento sustentável na Amazônia. É difícil imaginar? Talvez, mas é necessário.



Ismael Machado – Jornalista, roteirista e cineasta. Matéria publicada originalmente em: <https://amazoniareal.com.br/dorothy-stang-20-anos-depois/>

“BENDITA SEJA A MÃE QUE TE GEROU”

Florbela Espanca

*“Bendita seja a Mãe que te gerou.”
Bendito o leite que te fez crescer.
Bendito o berço onde te embalou
A tua ama, pra te adormecer!
Bendita essa canção que acalentou
Da tua vida o doce alvorecer...
Bendita seja a lua que inundou
De luz, a terra, só para te ver...
Benditos sejam todos que te amarem,
As que em volta de ti ajoelharem,
Numa grande paixão fervente e louca!
E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguém, bendita seja essa Mulher,
Bendito seja o beijo dessa boca!*



Florbela Espanca –
Poeta portuguesa
(1894-1930).

BENDITO SEJA SEMPRE O DIA DAS MÃES!

Bia de Lima

 **SINTEGO**
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS



MODA A QUALQUER CUSTO: SETOR EXPLORA 8 MILHÕES DE TRABALHADORES/AS E AMEAÇA O CLIMA

Revista Focus Brasil



Foto: Divulgação/



Enquanto você lê esta matéria, 3 toneladas de roupas foram descartadas no mundo. O planeta aguenta esse ritmo?

Para estar na moda hoje é preciso questionar. Não apenas preços e valores ou imposições de beleza, mas principalmente a gigantesca cadeia de produção da moda no mundo. Chique mesmo, no século 21, é saber de onde vem a roupa que se veste, como foi produzida, quais impactos causa à sociedade e quem a produz.

Uma pesquisa rápida revela que a indústria da moda mundial movimenta mais de 2,5 trilhões de dólares anuais e emprega cerca de 8 milhões de pessoas na cadeia têxtil e de confecção, incluindo trabalhadores diretos e indiretos. Trata-se de um sistema complexo que envolve desde a produção de matérias-primas até o varejo.

Os resultados considerados excelentes – vendas extraordinárias e diárias de marcas de *fast fashion* – escondem a exploração de mão de obra majoritariamente feminina e a contaminação do meio ambiente. Será que as pessoas sabem que o algodão daquela calça jeans esquecida no armário pode vir de lavouras do Nordeste que intoxicam trabalhadores rurais e poluem rios com agrotóxicos contrabandeados?

E os milhões de litros de água potável utilizados para produzir um jeans? E as condições de trabalho das costureiras espalhadas pelo mundo? Em 24 de abril de 2013, o mundo conheceu a cruel realidade da indústria *fashion* com o desabamento do Rana Plaza em Bangladesh, que matou 1.134 pessoas e deixou milhares de feridos.

A *Semana Fashion Revolution* surgiu como resposta, reunindo o maior movimento de moda ativista do mundo. Com o tema “Pense Global, Aja Local: quem é o Brasil na Revolução da Moda?”, a iniciativa busca mapear problemas e soluções para uma moda mais justa e ecológica.

Segundo as organizadoras, o objetivo é “questionar as práticas convencionais da indústria e impulsionar mudanças em direção a um modelo mais justo, seguro e ecologicamente responsável”. A moda está intrinsecamente ligada ao mundo do trabalho e à sustentabilidade do planeta.

ESFORÇOS MÍNIMOS IMPORTAM

Mercedes Bustamante, bióloga da Universidade de Brasília, alerta:

“Cada tonelada de carbono importada. Ainda que pareçam esforços mínimos, eles são importantes.

Sem ação climática ambiciosa, o desenvolvimento sustentável não será alcançado”. A boa notícia é que já existem tecnologias para reduzir as emissões pela metade até 2030 – o desafio é político e financeiro.

As previsões científicas indicam que em cinco anos os efeitos das mudanças climáticas – enchentes, secas, inundações – serão ainda mais intensos.

Não há atalhos: a solução exige políticas públicas, tecnologia, financiamento e ações individuais. A moda circular prova que é possível consumir com consciência, lembrando que as roupas já produzidas poderiam vestir toda a humanidade.

OS CINCO ERRES

Os cinco erres nunca foram tão necessários: repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar. Virar essa chave depende tanto de ações de Estado quanto de escolhas cotidianas. Afinal, o verdadeiro estilo está em vestir valores que preservam vidas e o planeta.

Fonte: Revista Focus Brasil
<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2025/04/29/moda-a-qualquer-custo-trabalhadores-e-ameaca-o-clima-alertam-cientistas/>



Foto: Divulgação/

Moda e Sustentabilidade



Repensar:

Considerar se realmente é necessário o produto ou serviço, avaliando o impacto ambiental de sua produção e uso.



Recusar:

Refletir e recusar produtos e serviços desnecessários, ou aqueles com embalagens excessivas ou com grande impacto ambiental.



Reduzir:

Buscar maneiras de reduzir o consumo e a produção de resíduos, como optar por produtos duráveis, evitar o desperdício e usar as coisas ao máximo.



Reutilizar:

Buscar alternativas para reutilizar itens que seriam descartados, como dar uma nova função a embalagens, objetos, roupas etc.



Reciclar:

Descartar os resíduos de forma correta para que possam ser processados e transformados em novos produtos, evitando a poluição e o desperdício de recursos.

Tamanho e Valores



A indústria da moda gera um **faturamento anual** estimado em **2,5 trilhões de dólares**.



A produção anual de vestuário no Brasil, por exemplo, foi de **5,6 bilhões de peças em 2022**.



O valor da produção de vestuário no Brasil teve um **aumento de 9,5%** em valores nominais **entre 2017 e 2022**, passando de **R\$ 137,2 bilhões para R\$ 150,3 bilhões**.

Empregos



* A cadeia têxtil e de confecção emprega cerca de **1,3 milhão de trabalhadores formais**, com **60%** da mão de obra sendo **feminina**.

* Ao incluir os trabalhadores indiretos e o efeito renda, a estimativa é de **8 milhões de empregos**.

* Em 2019, a cadeia têxtil e de confecção no Brasil **empregou mais de 1 milhão e meio diretamente** e mais de **8 milhões indiretamente**.

Cadeia Produtiva



A cadeia produtiva da moda engloba desde a produção de matérias-primas (como o algodão) e a indústria têxtil de confecção, passando pela criação de produtos, distribuição e varejo.



A cadeia é caracterizada pela heterogeneidade em relação ao porte das empresas, incluindo grandes empresas integradas e pequenas empresas confeccionistas.



O Brasil é um país produtor e consumidor, com a maior parte da produção sendo destubada ao mercado interno, embora o país também importe e exporte produtos têxteis.



A China é o maior exportador mundial de produtos têxteis (excluindo algodão), seguida pela Índia e Turquia.



Foto: Wikimedia/ Reprodução

PAPA FRANCISCO E A DEFESA DOS POBRES

Alberto Cantalice

Ao escolher o nome Francisco para exercer seu papado, Jorge Bergoglio dava mostras claras de seus compromissos com os pobres e desfavorecidos – compromisso sólido que assumira desde o início de sua atividade pastoral, nas décadas de 1960 e 1970, em sua terra natal, a Argentina.

Comandando uma instituição que perdura há dois mil anos, Francisco, buscando as heranças de João XXIII e Paulo VI, vocacionou seu ministério às lutas contra as iniquidades da miséria e do desprezo que vitimam os pobres e desvalidos do mundo.

Buscou uma relação mais profícua com outras religiões, pregando a concórdia e o ecumenismo mundo afora. Incansável, foi considerado um papa profundamente *workaholic*.

Nem nas fases de doença, muito pela idade avançada, deixou de

comandar missas e homilias nos mais diversos quadrantes. Sua compreensão mais acurada das questões das minorias abriu uma janela de oportunidade para a Igreja romper preconceitos e serviu de alento para esses segmentos, vítimas das mais vis perseguições.

Ao questionar o consumismo exagerado e a ganância por benesses por parte dos poderosos, atraiu para si a ira dos mercadores da religiosidade. Foi chamado de comunista por ignorantes e estigmatizado por aqueles presos à lógica dos seus mundos paralelos.

Num século XXI marcado pela distopia e pelas notícias falsas, Francisco, como portador de sua verdade, fará muita falta. O processo de renovação empreendido por ele na Igreja Católica não retrocederá.

Em um mundo que cada vez mais necessita de lucidez e tranquilida-

de, os católicos podem ser um dos vetores de bom senso. O legado do Papa Francisco atravessará gerações. Poderá contribuir para que a generosidade e a esperança parem sobre a humanidade.

Pode ser o fio de esperança que ajude a romper com a barbárie instaurada pela superexploração dos seres humanos e pela falta de perspectivas trazida pela avalanche neoliberal que persiste. Não há caminho fora da solidariedade e da justiça social. Era isso que pregava Francisco!



Alberto Cantalice – Advogado. Dirigente nacional do Partido dos Trabalhadores e Diretor da Fundação Perseu Abramo.



A TERRA VIVA GERA TODOS OS SERES VIVOS E NÓS

Leonardo Boff

Precisamos conhecer mais e melhor nossa Casa Comum, a Terra. A vida não está apenas sobre a Terra e ocupa partes da Terra (biosfera). A própria Terra, como um todo, emerge como um superorganismo vivo.

A Terra é viva. Por exemplo, num só grama de terra, ou seja, menos de um punhado, vivem cerca de 10 bilhões de micro-organismos: bactérias, fungos e vírus (Wilson, Criação, p. 26). São invisíveis, mas sempre ativos, trabalhando para que a Terra permaneça viva e fértil. A Terra assim cheia de vida é a mãe que gera todos os seres vivos.

Tal constatação nos obriga a uma reflexão mais detida sobre a

questão da vida. Tanto para Einstein quanto para Bohr "a vida ultrapassa a capacidade de compreensão da análise científica" (N.Bohr, *Atomic Physis and human knowledge*, 1956 cp. Light and Life, p.6).

Entretanto a aplicação da física quântica, da teoria da complexidade (Morin), do caos (Gleick, Prigogine) e da biologia genética e molecular (Maturana, Capra) mostraram que a vida representa a irrupção de todo o processo evolucionário, desde as energias e partículas mais originárias, passando pelo gás primordial, a supernovas, as galáxias, o pó cósmico, a geosfera, a hidrosfera, a atmosfera e finalmente a biosfera.

Como afirma o prêmio Nobel em biologia de 1974, Christian du Duve: "o carbono, o hidrogênio, o nitrogênio, o oxigênio, o fósforo e o enxofre formam a maior parte da matéria viva" (Vital Dust 1995 cp. 1).

Foi obra especial de Ilya Prigogine, prêmio Nobel em química 1977 mostrar que não bastam a presença dos elementos químicos. Eles trocam continuamente energia com o meio ambiente. Consomem muita energia e por isso aumentam a entropia (desgaste da energia utilizável). Ele as chamou, com razão, de *estruturas dissipativas* (gastadoras de energia).

Mas são igualmente *estruturas dissipativas* num segundo sentido,

paradoxal, por dissiparem a entropia. Os seres vivos produzem entropia e ao mesmo tempo escapam da entropia.

Eles metabolizam a desordem e o caos do meio ambiente em ordens e estruturas complexas que se auto-organizam, fugindo à entropia, produzem negentropia, entropia negativa, positivamente, produzem sintropia (*Order out of Chaos*, 1984).

O que é desordem para um serve de ordem para outro. É através de um equilíbrio precário entre ordem e desordem (Caos: Dupuy, *Ordres et Désordres*, 1982) que a vida se mantém (Ehrlich, *O mecanismo da natureza*, 1993, 239-290).

Isso vale também para nós humanos. Entre nós se originam formas de relação e de vida nas quais predomina a sintropia (economia de energia) sobre a entropia (desgaste de energia). O pensamento, a comunicação pela palavra, a solidariedade, o amor são energias fortíssimas com escasso nível de entropia e alto nível de sintropia.

Nesta perspectiva, temos pela frente não a morte térmica, mas a transfiguração do processo cosmogênico se revelando em ordens supremamente ordenadas, criativas e vitais. Esse futuro nos é misterioso.

Baste-nos a referência às investigações do médico e biólogo inglês James E. Lovelock e da bióloga Lynn Margulis (Gaia, 1989; 1991; 2006; Sahtouris, 1989, Gaia; Lutzenberger, 1990, Gaia; Lynn Margulis, 1990, Microcosmos) que constataram que vigora uma calibragem sutil entre todos os elementos químicos, físicos, entre o calor da crosta terrestre, a atmosfera, as rochas, os oceanos, todos sob os efeitos da luz solar, de sorte que tornam a Terra boa e até ótima aos organismos vivos.

Ela surge destarte como um imenso superorganismo vivo que se autorregula, chamado por James E. Lovelock de Gaia, consoante a clássica denominação da Terra de nossos ancestrais culturais gregos.

Ele foi precedido pelo geoquímico russo Wladimir Vernadsky (1863-1945), que elaborou o conceito de biosfera (1926) que propôs uma ecologia global, do planeta Terra como

um todo, considerando a vida como um ator ecológico planetário. Mas foi o nome de Lovelock que se impôs.

A Terra por sua vez manteve nos milhões e milhões de anos a temperatura média entre 15° - 35°, o que representa a temperatura ótima para os organismos vivos. Somente agora começou uma nova era, do aquecimento.

A articulação sinfônica das quatro interações básicas do universo continua atuando sinergicamente para a manutenção da atual seta cosmológica do tempo rumo a formas cada vez mais relacionais e complexas de seres.

Elas, na verdade, constituem a lógica interna do processo evolucionário, por assim dizer, a estrutura, melhor dito, a mente ordenadora do próprio cosmos. Vale citar a famosa afirmação do físico britânico Freeman Dyson (*1923): "quanto mais examino o universo e os detalhes de sua arquitetura, mais acho evidências de que o universo sabia que um dia, lá na frente, iríamos surgir" (*Disturbing the Universe*, 1979, p. 250).

Esta visão sustenta que o universo é constituído por uma imensa teia de relações de tal forma que cada um vive pelo outro, para o outro e com o outro; que o ser humano é um nó de relações voltado para todas as direções; e que a própria Divindade se revela como uma Realidade panrelacional como o Papa Francisco enfatiza em sua encíclica *Laudato Si* (n. 239).

Se tudo é relação e nada existe fora da relação, então, a lei mais universal é a sinergia, a sintropia, o inter-retro-relacionamento, a colaboração, a solidariedade cósmica e a comunhão e fraternidade/sororidade universais. É o que nos falta no mundo atual.

Essa visão de Gaia poderá reencantar nossa convivência com a Terra e fazer com que vivamos uma ética da responsabilidade necessária, da compaixão e do cuidado, atitudes que salvarão a vida na Casa Comum, a Terra.



Leonardo Boff - Filósofo e ecólogo. Escreveu: *Opção Terra*, Record, 2009; *Habitar a Terra*, Vozes, 2012.



Foto: Wikimedia/ Reprodução

AMANHÃ SERÁ UM LINDO DIA

GUILHERME ARANTES



O que você tem a ver com a campanha salarial do magistério público do DF?

Por que a sociedade deve se preocupar com uma proposta de reestruturação da carreira do magistério público do Distrito Federal, que, entre as pautas, luta pelo aumento dos índices de titularidade de professores e orientadores educacionais?

Nesta edição da revista Xapuri, o Sinpro-DF apresenta mais um ponto da Campanha Salarial 19,8%, rumo à Meta 17 – pela reestruturação da carreira já!: a valorização das titulações.

Atualmente, temos os seguintes percentuais sobre o vencimento-base: 5% para quem tem especialização, 10% para quem tem mestrado e 15% para quem tem doutorado. Na atual campanha salarial, queremos que esses

percentuais, no mínimo, dobrem. Além disso, nossa proposta é pela criação da tabela de pós-doutorado.

Profissionais com mais qualificação trazem conhecimento aprofundado e capacidade de inovação que são indispensáveis para melhorar a qualidade da educação pública. Para que esses profissionais permaneçam nas escolas públicas, é preciso incentivá-los e valorizá-los.

Acesse o QR Code
e saiba mais



19,8%

REESTRUTURA A CARREIRA JÁ!

RUMO À META 17



Foto: Partido dos Trabalhadores

CONTRA SEU VENTRE, NASCEMOS...

Pedro Tierra

I

Armazém das utopias. Cais do Porto.
Descrevemos uma larga parábola
como se desenhássemos a cartografia
de um improvável regresso
ao que fomos um dia (e já não somos)
ao largar do porto de partida:
um chão de fábrica,
um remoto campo de futebol.
Aqui estamos num verão tardio
sobre esse chão castigado por séculos de suor.
Salgado pelos pés de negros e estivadores.
Os rostos marcados por tantas batalhas.
E essa luz de estrelas,

talvez extintas,
nos fere o coração mais uma vez.
Envolvido pela algaravia de vozes,
pelo calor dos corpos,
esperanças e enganos que me cercam,
teço com os dedos do espírito,
num relâmpago,
como na tela plana de um computador,
essa íntima geografia de tempo e silêncio
por onde miro as sólidas estruturas de ferro, tijolo
e sonhos
que nos abrigam por um momento
da ferocidade dos inimigos.
Contemplo a fria lâmina dos ódios
que desatamos.



Temperada por séculos no fogo lento
dos banguês, das caldeiras
desse engenho tropical de mando
movido à surda força de espora e rebenque
e penso:

como podemos esperar um ato
de contenção ou respeito
da mão que nos desce o látego
sobre o lombo em carne viva?
E maneja a lâmina, de golpe,
contra a cabeça de quem se levanta?
A mesma mão guiada pela fúria
de quem, dia após dia,
por vergonha,
desejou nos encarcerar no ventre?
E nos negar a luz e o ar que respiramos?
E nos calar a voz e interditar o gesto?
Essa ibérica senhora coberta de rendas
e arrogância,
habitante do solar da Casa Grande,
para quem nunca deveríamos ter nascido?
E saber que apesar dela nascemos...
Contra seu ventre nascemos...
Renascemos todos os dias,
como se fôramos uma vingança da vida,
com outra luz, que ilude o cerco da sombra
e acende aqui uma nova face,
outra estrela recolhida
no estoque infinito de utopias,
renascemos...

II

Que a cidade possa nos ouvir
desde o Cais do Valongo.
Que o país possa nos ouvir
pela voz sobrevivente de João Cândido,
um dia enterrado em cal virgem.
Renasce aqui o rumor das ruas,
entre a canção e o grito
que desata de dentro das veias
para alcançar os ouvidos da multidão
anestesiados pela Hidra de Lerna
ou do Jardim Botânico? Pergunto.
Será esse o lugar
onde viemos beber canções
pisadas pelos pés de negros,
guiados pela batida dos tamborins,
que se ouvem nos becos da Lapa,
nos morros da Providência e da Conceição
para retomar a marcha?
Aprendemos nos Pelourinhos
que não se palmilha
desertos tão vastos, sem recuos.
Sem erros na rota que traçamos
e o vento varreu do areal durante a noite.
Sem traições, desvios, vilanias.

Sem as perdas de muitos
que a tempestade apartou de nós.
Sei, desde tempos subterrâneos,
que não estão vendados os olhos da Justiça.
Que Justiça pode fazer a justiça de uma só face?
Que Justiça pode fazer classe?
Mira com um olho só
a justiça dos meninos de granja.
Invocamos nossos santos e orixás,
nossos combatentes e sua memória
para redesenhar o percurso.
Repercute no peito o som do surdo.
Ecoa a cadência de um samba antigo,
sempre novo para alimentar
esse delírio que nos assalta a medula:
fomos condenados à liberdade.
Seguiremos proscritos
por uma ordem sem remédio.
Alimentados pela voz rouca do peão
que não se dobra ao agoite.
Devo curvar-me até ao chão
para recolher os estilhaços da estrela,
a palavra e o sal
que sustentaram nossas dúvidas
e nossas certezas:
não seremos expulsos do tempo
que nos coube viver.
Contemplo vigas, tijolos, palavras.
Os rostos. Os corações abertos.
As cores, os abraços. As lágrimas.
Os olhos das pessoas inundados
pelo sublime veneno da esperança.
Estamos de pé,
para retomar a marcha interrompida.
Agora é a vigília.
Agora é a rua, a praça, os becos, os morros,
os cais, os corações.
O chão da fábrica,
o assédio à cerca do latifúndio.
As escolas ocupadas
pelos que nasceram depois de nós.
A guerrilha digital contra a acidez do ódio
que sonha dissolver a invencível alegria
de nossa gente.
Acreditem, os sonhos do ódio não vingam.

Rio, 27/02/2016. Brasília, 10/03/2016

Aos que um dia nos desejaram o pelourinho, o sal, a cinza, a morte: quarenta e cinco anos depois, "para nascer, nascemos"... Brasília, 10/02/2025 (Em homenagem aos 45 anos do Partido dos Trabalhadores).



Pedro Tierra -
Poeta da Resistência.

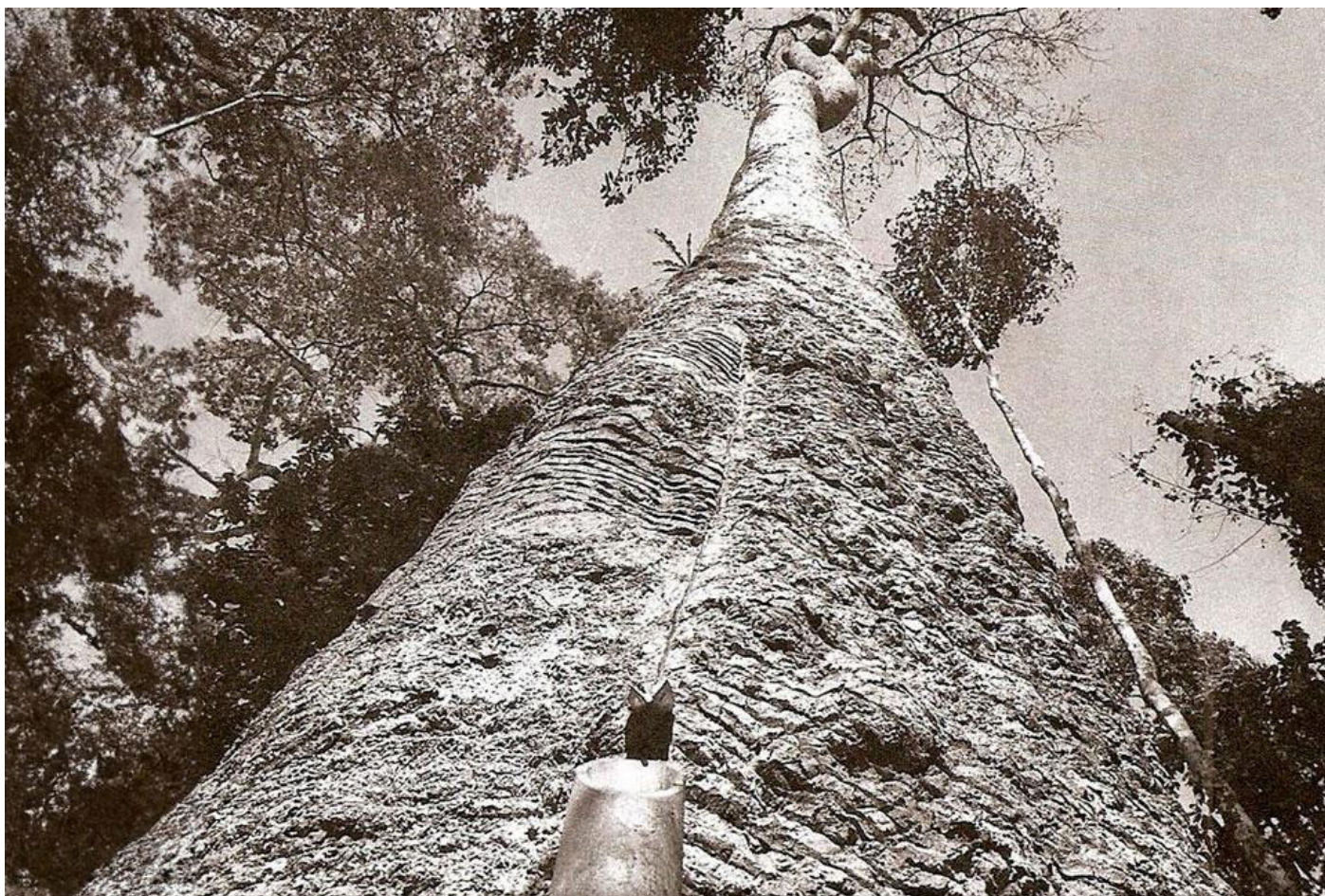


Foto: História Social da Borracha/ Carlos Carvalho

A MÃE DA SERINGUEIRA NÃO PERMITE QUE MALTRATEM SUAS FILHAS, ELA CONTROLA TODOS OS PASSOS DO SERINGUEIRO DURANTE A SUA JORNADA NAS ESTRADAS DE SERINGA. CASO O SERINGUEIRO PREJUDIQUE A SERINGUEIRA COM UM CORTE FORA DO NORMAL, ELA IMEDIATAMENTE IMPÕE O SEU RESPEITO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO.



AS VEIAS ABERTAS DA MÃE SERINGUEIRA

Marquelino Santana

A seringueira tem mãe. Segundo os seringueiros, todos os passos que eles fazem na estrada de seringa, ela se põe a observar. Nenhum seringueiro poderá aprofundar o caule da árvore com a sua faca, sob pena de sofrer punições severas da mãe da seringueira.

A mitologia amazônica é parte indissolúvel do ser dos entes seringueiros, ela está presente na cotidianidade das colocações, na organização das espacialidades e em suas representações simbólicas.

O seringueiro, em sua ampla visão mitológica e cosmogônica, imbrica-se tão fortemente à natureza exuberante, que esse mundo do qual ele vive e sente transforma-se numa natural intimidade oferecida ao ser de sua existência.

Gaston Bachelard nos informa que a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito.

O universo mítico do seringueiro vive no seu profundo imaginário, convivendo em suas cotidianidades, e aguçando as espiritualidades cosmogônicas do seu ser. A poética de Gaston Bachelard instiga no espaço vivido do homem à fenomenologia da imaginação, pois, segundo ele, o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. É vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

Segundo o pesquisador João de Jesus Paes Loureiro, na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. Para o mesmo autor, na vida Amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas.

Nesse procedimento de uma verdadeira metafísica poética

o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se crível, o sobrenatural resulta em natural. Quer dizer, um estado poético que evoca o devaneio de livre expansão do imaginário.

A linguagem mítico-poética traduz dessa forma um pertencimento do imaginário amazônico incorporado no espaço de ação dos povos da floresta e que simbolicamente se alimenta das veias abertas da mãe da seringueira.



Marquelino Santana - Doutor em geografia, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas, Modos de Vida e Culturas Amazônicas - Gepcultura/Unir e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito, da Universidade Estadual de Londrina, Brasil 247.

AS SEM PÁTRIA

Kate Schatz

**O que é um país? Uma pátria, uma nação?
O que é uma fronteira?**

É um rio, um mar, uma linha em um mapa?
Um em cada 122 humanos na Terra é refugiado
expatriado ou está em busca de asilo.

**O que quer dizer ser de um lugar?
Ou ser estrangeiro?**

Pertencer, não pertencer.

**Você nasce onde nasce Floresta ou deserto,
montanha ou litoral.**

Uma casa, uma cabana, uma barraca.
Um abrigo. Um campo de refugiados

Um em cada 122 humanos não tem um lugar.

De onde você vem?
De que grupo, de que povo?
Quem segura você lá?
A boca de quem fala sua língua?
Como eu cheguei aqui? Como você chegou aí?

**Das 60 milhões de pessoas expatriadas à força
no mundo, quase 80 por cento são mulheres
e crianças. Elas deixam suas casas, cidades
e países por causa de guerra, violência,
discriminação, fome, catástrofes ambientais.**

Imigrante. Refugiado Migrante. Sem-teto.
Sem pátria. Sem Estado. Humano.
Essas pessoas fugiram do Leste Europeu,
do Norte da África, do Oriente Médio, do Sudão
do Sul, da América Central.





Por cima de cercas, por subterrâneos. Enfrentando soldados, policiais, milícias. Contrabandistas, traficantes, patrulhas de fronteira. Procurando segurança, comida, educação. Asilo, aceitação, cidadania.

Fugindo de Myanmar, da Síria, do Afeganistão, da Eritreia. Do México, da Somália, da Turquia, da Ucrânia. Da Guatemala, do Iraque.

Um mundo sem guerra, uma noite sem bombas, uma escola sem armas, um dia sem gangues. Uma chance. Um lar. Uma vida.

Elas se despedem de amigos, de familiares, de escolas e de empregos e partem na esperança de que, em algum lugar, de alguma forma, consigam encontrar um novo lugar. Às vezes, partem com as famílias inteiras, às vezes, maridos e pais morreram na guerra, em brigas.

Milhões de mães andam no escuro frio, com bebês nas costas e crianças nos braços.

Elas as acalmam em barcos enquanto atravessam mares negros, cantam cantigas de ninar em barracas em acampamentos perigosos.

Elas fogem grávidas, dão à luz na estrada, aninham novas esperanças. Elas seguem em frente.

Vão recusá-la? Tem lugar na terra? Nos nossos corações?

Forçadas para fora da Irlanda, do Congo, da Alemanha, de Cuba. Têm que sair da Palestina, da Sérvia, do Vietnã, do Camboja.

Elas passam bebês por cima de cercas, dão nas mãos de outras pessoas.

Mandam filhas por desertos, para longe de guerras nas quais nasceram.

Atravessam desertos e oceanos para terras novas.

E, às vezes, elas chegam a estações de trem e a aeroportos, onde multidões ansiosas com sapatos e casacos as esperam.

Refeições e brinquedos, fraldas e livros, cartazes que dizem "Bem-vindos/as" em línguas desconhecidas.

Salas de aulas e livros, a chance de sonhar, de ter um futuro.

O que quer dizer ajudar, aceitar? Ser amigo, vizinho, irmã?

Nenhum ser humano é ilegal.

Quem pertence?

Quem ajuda? Nós.



Kate Schatz – Escritora. Em Mulheres incríveis: artistas e atletas, piratas e punks, militantes e outras revolucionárias que moldaram a história do mundo. Editora Alto Asstral, 2017.



RESPEITO À DIVERSIDADE: NA ESCOLA E EM QUALQUER LUGAR

17 DE MAIO

DIA INTERNACIONAL CONTRA A LGBTFOBIA

CNT E Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

CPLP-SE
Conselho
Parlamentar
da América
Latina e
Caribe

FNPE
Fórum Nacional
Popular da Educação

Acesse aqui
e saiba os
seus direitos



Quem ofende pessoas
LGBTQIA+ pode ter sérios
problemas com a justiça
(Lei 7.716/1989).

**LGBTFOBIA
É CRIME.**





XAPURI **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

